

## ***DESASSOSSEGO: UM DESESPERADO ATO DE VIDA***

*por amilton de azevedo<sup>1</sup>*

*“O afeto que nos une agora é o desamparo. Olhamos e buscamos proteção.”*

(Débora Diniz, em [abril de 2020](#))

No dia 14 de janeiro de 2021, Manaus ficou sem ar. Morrer sem oxigênio: uma [tragédia que escancarou a negligência política na pandemia](#). Em torno do episódio que, entre tantas e incontáveis dores, talvez tenha sido o mais assombroso dos anos de Covid-19 no Brasil, o Grupo Jurubebas de Teatro, da capital amazonense, localiza na sinopse de *Desassossego* a data de 21 de janeiro do mesmo ano. Quando Robert Moura, Leandro Paz e Nicka deixam o palco, o diretor Felipe Maya Jatobá sobe no tablado do Cine Santana e, ainda dentro do contexto da encenação, diz que “a nossa cidade foi asfixiada”, oferece o trabalho “para as mais de 700 mil pessoas que não tiveram cinco minutos para respirar” e conta que, dentro do Jurubebas, tiveram que escolher entre o isolamento e o coletivo: “a gente decidiu morrer juntas”.

O que se carrega da pandemia?

Durante o bate-papo que sucedeu a apresentação de *Desassossego* no 38º FESTIVALE, Maya Jatobá contou do processo de criação do espetáculo. É bonito

---

<sup>1</sup> amilton de azevedo é pesquisador e crítico das artes vivas. Doutorando em artes cênicas na ECA/USP; mestre em artes da cena, especialista em direção teatral e bacharel em teatro pelo Célia Helena, onde lecionou entre 2016 e 2019. Idealizador, editor e crítico na plataforma ruína acesa (<https://ruinaacesa.com.br>), integrante do projeto arquipélago. Colabora com diversos festivais regionais, nacionais e internacionais, ministra oficinas de formação em crítica e escreveu para a Folha de S. Paulo. Membro da seção brasileira da IATC/AICT (Associação Internacional de Críticos de Teatro), em 2024 foi convidado para cobrir o Festival TransAmériques (Montreal/Canadá).

quando se pode escutar alguém falando sobre a própria obra e, a cada frase, se reconhece nas palavras o que foi de fato visto no palco. Há, então, um alinhamento preciso entre o que se pretendeu dar a ver na cena e o que efetivamente está lá; intenção e realização caminhando juntas.

Quando Moura, Paz e Nicka entram em cena, o saioite do figurino em conjunto com cotovelleiras e joelheiras passa uma impressão de gladiadores entrando na arena. Numa diagonal, seus gestos são de força e há a força do silêncio. Ouvem-se notícias sobre a Covid-19 e então a ótica lançada sobre o tudo que se vê passa a ser a destes longos, tenebrosos e tão próximos anos. Seus punhos à meia altura parecem segurar algo invisível, os braços se erguem; seriam os desejados e ausentes cilindros de oxigênio? Em um sentido simbólico, fazem pensar em torno de outra pergunta: o que carregamos da pandemia? Quem carregamos? Como carregamos?

Há poucos momentos onde se respira profundamente.

A realidade se impõe em *Desassossegos* e há um trânsito de linguagens, entre depoimentos biográficos, narratividade, fabulação, dança e performance; iluminação, trilha, respiração e exaustão do elenco trabalham como camadas multisensoriais para a recepção. É como se o Jurubebas buscasse os meios de operar simbolicamente uma vivência cuja dimensão da dor – daquele dia, daquela realidade – é imensurável. *Desassossegos* é um desesperado ato de vida, com a urgência dos corpos que pulsam na cena a cada instante buscando entender em ação *como sentir*. O que se carrega?

Nas movimentações cênicas, o distanciamento social e um refinado pensamento de composição; da diagonal a triângulos que se invertem, intérpretes se afastam e se aproximam em suas angústias e desalentos. *Desassossego* é da solidão; do tempo, do desejo. Do tanto, do tanto que sufoca em tantas formas. É também da libertação; da elaboração do luto tornado movimento, uma aposta de revolta, de grito, de denúncia. O que possibilita o alinhamento já citado entre intenção e realização é o

salto artístico, a pesquisa de linguagem, a encenação desses discursos; o ato de poetizar e politizar gestos do simbólico e daquele *cotidiano*.

Na encenação, uma furiosa, insistente, caótica busca pelo sentir: performers se tocam, se abraçam, se apertam, se apoiam, se amparam, se acalentam, se estapeiam, se estrebucham, se desesperam, se desamparam, se libertam, se enlutam, se esforçam, se asfixiam, se escutam, se alinham, se aliam, se inspiram, se vivem, se exaurem, se sentem; narram, vivem, sentem, vivem, são.

O Jurubebas não abre mão de uma violência necessária inerente ao ato de rememorar tempos de horror. *Desassossego* não é confortável de se ver. Corpos que arfam narram de corpos mortos. A respiração de Moura, Paz e Nicka faz parte da dramaturgia cênica da obra. Asfixia é um código recorrente e o mal-estar gerado por ela também.

Há poucos momentos onde se respira profundamente.

O que se carrega da pandemia?

*Desassossego* escolhe dizer, repetir, representar, vibrar a partir daquela tragédia social e humana e então vai além, fazendo dela pouso-trampolim para a criação de uma obra-homenagem que é sobre perdas e mortes mas é também sobre renascimento. Respirar fundo, daí. Quando Nicka fala de uma Maria que se foi e não pode vê-la ser quem realmente é, falecendo antes de seu processo de transição de gênero, há uma tristeza mas há também um gesto de fazer valer a vida já que seguimos aqui.

A Maria narrada torna-se uma Maria-tantas; mães, avós, parentes, amigas, mas também populações inteiras. A falta de ar em Manaus são os sufocamentos muitos do dia a dia, das subjetividades e da sociedade. *Desassossego* é sobre vidas trans, sobre as periferias, sobre os povos originários. Sobre ansiedade e genocídio. Descrevendo assim, pode parecer que o trabalho do Jurubebas tenta dar conta de uma miríade de temas a partir de sua premissa. Isso se dá, porém, em uma

construção orgânica de quadros em sucessão; é perceptível o quanto tudo que se vê em cena nasce do transbordamento de jovens artistas “*morrendo juntas*” em meio ao caos e encontrando no processo criativo esse modo desesperado de seguir vivas.

O que se carrega da pandemia?

É importante que os teatros olhem e reflitam em torno dos anos que iniciaram esta década. Não porque ele seja um lugar de justiça, mas porque é definitivamente um espaço de memória. No trabalho [\*Cada vez que alguém diz isso não é teatro uma estrela se apaga\*](#), da companhia mexicana Lagartijas Tiradas al Sol, certo momento da narração nos lembra que “*o teatro nos recorda o mais simples: uma vida é uma vida*”. Uma vida é uma vida. Todo sentir é um sentir. Cada Maria, uma Maria.

Há poucos momentos em que se respira profundamente.